

Representação, memória e o lugar do repórter em *Os porões da tortura*¹

Daniella Andrade OLIVEIRA²
Claudio Rodrigues CORAÇÃO³
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

O presente trabalho pretende analisar funções e representações da narrativa jornalística. Assim, os elementos constituintes da “trama jornalística” serão aqui desnudados a fim de apreender as especificidades de uma narrativa peculiar: a série de reportagens televisiva *Os porões da tortura*, dividida em quatro capítulos, veiculada entre os dias 16 e 19 de agosto de 2010, no Jornal da Record. A grande reportagem aborda os sítios e locais clandestinos de tortura na época da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). O trabalho busca identificar o jornalismo como mediador de debates, organização e compreensão do mundo, e como agente de propagação pedagógica de uma política de memória coletiva, por meio de elementos constituintes de seu enredo; como o lugar de fala de seus atores sociais, o lugar do repórter e sua presença canceladora de verdades.

Palavras-chave: Narrativa jornalística; *Os porões da tortura*; narrador-repórter; reportagem.

Introdução

Em um momento em que nunca se reivindicou tanto a democracia, o passado recente traz marcas de um tempo obscuro na política brasileira. Em toda sociedade, em qualquer período, há assuntos em que o relato jornalístico requer uma maior produção. São temáticas merecedoras de minuciosa precisão e aprofundamento. A Ditadura Civil-Militar (1964-1985), período da política brasileira em que as forças armadas governaram o país, norteia a série de reportagens televisiva *Os porões da tortura*, veiculada entre os dias 16 e 19 agosto de 2010, no Jornal da Record.

Assinada pelo repórter especial da TV Record, Rodrigo Vianna, a grande reportagem, dividida em quatro partes, aborda um dos assuntos da ditadura a ser desvendado: a existência de centros clandestinos de tortura, mantido pelo regime de exceção. Os crimes cometidos no período, tratados como tabu pelas Forças Armadas brasileiras foram negligenciados por muito tempo e não é admitido o fato de que milhares de pessoas foram torturadas ou mortas ao se opor ao regime.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Jornalismo da UFOP, email: dani-ao@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFOP, email: claudiocoracao@ig.com.br

O presente trabalho busca identificar e discutir as diversas representações jornalísticas e pretende contextualizar o período político identificado na narrativa, expondo a atividade jornalística como ferramenta de construção simbólica da memória. Com relação aos procedimentos metodológicos, o trabalho usará das análises pragmáticas da narrativa jornalística de Luiz Gonzaga Motta (2010): como a recomposição da intriga, a identificação dos conflitos e da funcionalidade, a construção e escolha das personagens jornalísticas. Bruno Souza Leal (2013) ao pensar a narrativa jornalística e a maneira como visa saberes e experiência, a busca de síntese e de estabelecer finalidades. E Cláudio Coração (2013) para identificação do lugar do repórter e suas funções no decorrer da “trama jornalística”.

O trabalho pretende, ainda, entender e explorar as peculiaridades e a importância da produção jornalística aprofundada dentro ou fora da TV. Assim como o processo de construção da narrativa, das vozes dentro da reportagem e o lugar em que seu narrador-repórter se instala. Para isso, em seu percurso, o trabalho procura evidenciar o jornalismo e suas representações e da linguagem de TV e dispositivos narrativos do telejornalismo. Para além disso, procura-se evidenciar o papel da série como produção de memória coletiva e contextualizar a elaboração e veiculação de *Os porões da tortura* para que possa ser articulada junto à metodologia de análise.

1. Jornalismo e suas representações

O jornalismo é um instrumento de mediação da vida social. Ele pode organizar, ensinar, esclarecer e/ou traduzir os acontecimentos do mundo. De acordo com Plenel (1996), a prática jornalística é peça da democracia e agente ativo de contrapoder, isto é, o jornalista cria representações do real sobre um determinado acontecimento.

Nesse sentido, a prática jornalística utiliza narrativas para causar efeitos e sentidos. A partir da narração, orienta-se e organiza-se o conhecimento objetivo e subjetivo das coisas do mundo em uma ideia de demarcação espaço-temporal. Ou seja, o jornalismo determina uma perspectiva de significação e relação de determinada sociedade. Compreendemos o mundo a partir desta organização lógica e cronológica, segundo Motta (2010).

Por estabelecer sequências lógicas, a narrativa integra passado, presente e futuro. Em *Os porões da tortura* (2010), o repórter Rodrigo Vianna usa do elemento fático e referencial para produzir sentidos e empreender discursos. Por meio da grande reportagem televisiva, o jornalista explora códigos enunciativos para causar “efeitos de real”. A

organização da narrativa jornalística procura entender o contexto do acontecimento para produzir efeitos na sociedade.

A representação de uma sociedade, a compreensão e reflexão do mundo, e sobre o mundo, estão ligadas à sua história. Consequentemente o jornalismo tem papel fundamental na assimilação e entendimento da realidade. Servindo como instrumento de consulta, arquivo e “prova”, seus interesses devem ultrapassar o “novo”, o atual, e procurar contextualizar questões que permeiam a vida cotidiana com a intenção de evidenciá-las na percepção do presente e antecipação do futuro, sem se esquecer do passado, a fim de promover debates, reafirmar direitos, denunciar, transmitir conhecimento etc.

Em *Os porões da tortura*, há um princípio de decodificação e esclarecimento do passado com a apropriação da reprodução televisiva e suas características jornalísticas específicas. A narrativa jornalística televisiva faz do seu narrador-repórter o relator do real.

2. A linguagem de TV e dispositivos narrativos no telejornalismo

Para entender as diversas representações jornalísticas em *Os porões da tortura*, é necessário levar em conta a linguagem de TV e seus dispositivos narrativos. Desde que a televisão foi inaugurada no país, há mais de meio século, sua importância não deixou de aumentar, a ponto de ser identificada como meio de comunicação de maior influência e formadora de opinião da sociedade brasileira.

Diante das premissas de que o “fazer televisão” nunca conseguiu explorar, ao máximo, seu potencial de contribuir para o aperfeiçoamento da cultura e da educação nacional, Arlindo Machado (2005) acredita que houve um avanço na percepção das distorções da “mensagem” que a televisão difunde cotidianamente. Entendida a TV como um processo tecnológico, empreendimento comercial ou sistema de controle político-social, Machado classifica/explica, na obra *A Televisão Levada a Sério* (2005), os conteúdos e trabalhos audiovisuais produzidos e exibidos no Brasil, e no mundo, como confronto diante de concepções “catastróficas” sobre o veículo. Para o autor, “um grande passo na direção de uma consideração do papel da televisão na constituição da cultura contemporânea até agora ignorada pela parte pensante da sociedade” (MACHADO, 2005, p. 10).

Quais os valores éticos ou estéticos que se pode encontrar em *Os porões da tortura*? O trabalho jornalístico na TV se depara com a hierarquização das diversas vozes na produção e pós-produção da reportagem audiovisual. No caso específico da série de reportagens da TV Record, há a utilização de dispositivos imagéticos para traduzir o mundo

com uma re-organização de um passado recente. Seus enquadramentos e estruturas linguísticas da reportagem de TV e o lugar onde o repórter se instala na narrativa são fatores imprescindíveis para entendermos a telerreportagem como decodificadora do mundo.

3. Narrativa e memória

Sendo um dos responsáveis pela assimilação e entendimento da realidade, o jornalismo possui, como vimos anteriormente, o papel de representar a sociedade para que ela mesma possa se compreender diante do mundo. Esses entendimentos estão ligados à sua própria história – memória e/ou esquecimento. Entre memórias renegadas e omitidas, o passado de repressão do Brasil começa a ser investigado, esclarecido nos últimos anos. A série de reportagens é uma reflexão do impacto da repressão no passado, com desdobramentos no presente e no futuro do país, por meio dos centros clandestinos de tortura no período da Ditadura Civil-Militar.

O estado de exceção no Brasil utilizou, além da violência política, uma justificativa aparente por meio de uma estrutura burocratizada nos moldes do chamado “Milagre Econômico”, apropriando-se das torturas, perseguições, prisões, sequestros, mortes e desaparecimentos de vários cidadãos. A partir desse mote, a série utiliza as possibilidades de recomposição da memória, da repressão política, em forma de narrativa-reportagem como ferramenta de educação, problematizando o legado da Ditadura no cenário político atual. Como o próprio narrador-repórter diz, no terceiro episódio: “Uma época que o Brasil não pode esquecer”.

O princípio esclarecedor da telerreportagem faz de seu narrador-repórter o decodificador do acontecimento e o relator do real em busca da “vontade de verdade” e “expressões máximas do que é verdadeiro”. Identificada a série de reportagens como uma iniciativa de construção da memória sobre tais políticas e mudanças estruturais, podemos observar três fases transicionais com relação ao período, explanadas por Rodrigo de Oliveira Lentz (2014):

A primeira foi marcada pela abertura do debate público acerca da necessidade de enfrentamento do passado autoritário do país. Ela foi inaugurada pela Lei de Anistia em 1979 e concluída com a publicação do relatório da Comissão de Mortos e Desaparecidos políticos em 2007. A segunda fase foi a hegemonização entre a elite política brasileira da necessidade de enfrentar as violações do passado. Ela foi marcada por uma mudança política da Comissão de Anistia e do governo brasileiro com a ressignificação do sentido de anistia política e do avanço limitado à governabilidade dos mecanismos justos transicionais. Esse processo se finaliza com a instalação da Comissão Nacional da Verdade em 2011 e a

proliferação de Comissões da Verdade pelo país. A terceira fase é o momento atual, no qual os postulados de verdade, justiça, memória e mudanças estruturais se direcionam para sua aplicação prática (LENTZ, 2014, p.280).

Instituída por meio da lei do Congresso Nacional, enviada pela Presidente Dilma Rousseff, a Comissão Nacional da Verdade, criada em 2012, é também uma consolidação na busca pela “verdade”, com a sua instalação. Assim como a série de reportagens, ela evidencia questões que continuam sendo protagonistas de uma gama de temas políticos, sociais e humanísticos na história do nosso país. Cinco anos após a exibição da série de reportagens, o nosso objeto de estudo, o assunto ainda reverbera, incomoda e tem capítulos a serem esclarecidos.

Quando Rodrigo Vianna se propõe a questionar o passado, ele o faz no sentido de elucidar possíveis motivações sociais, políticas, econômicas, jurídicas e ideológicas que estão “na base dos acontecimentos, organizações, instituições e movimentos sociais atuantes” (RUBERT, 2014, p. 130), também no passado. Essa construção de ordem simbólica e cultural constitui uma identidade coletiva. Nesse sentido, conhecer a própria história, seu contexto e “versões” são importantes para elucidar cada característica que se opõe aos diversos contextos, e para estabelecer formas de defesa por parte das classes que, de alguma maneira, foram prejudicadas com relação a essas esferas de poder (RUBERT, 2014).

A elaboração e qualquer política de memória referente ao passado foi interpretada, de acordo com a lógica dos militares, como uma fonte de conflito. Assim, consolidou-se a ideia de que a melhor “política sobre o passado” (ou seja, de memória ou reparação) era aquela que não existia (BAUER, 2012, p. 130).

Se para Rodrigo Vianna pouco se fazia com relação a isso (memória), no Brasil, a herança autoritária, a partir de práticas arbitrárias do período, instituiu uma democracia baseada em situações de golpe, em carência político-democrática, com violações dos direitos humanos no país. A narrativa exibida na Record transparece o apelo de seu narrador-repórter pela rememoração como resistência e luta política.

Poderíamos estar em um processo de amadurecimento político-social 51 anos após o Golpe? “O desconhecimento sobre os fatos ocorridos no passado impede que a história seja entendida como um processo, com rupturas, permanências, transformações” (RUBERT, 2014, p.197). Esse desconhecimento retira o direito ao entendimento das seguintes gerações, assim como a visualização de possibilidades futuras. As memórias do tempo obscuro estão sendo produzidas e traduzidas “a partir do reposicionamento dos arquivos

repressivos em termos de cultura política”, (RUBERT, 2014, p. 198). A mídia tem papel importante na produção de conhecimento a partir da história coletiva. *Os porões da tortura* é parte dessa tradução quando utiliza documentos e arquivos para a comprovação.

Passos significativos em direção à evolução de políticas destinadas às causas dos direitos humanos começaram a tomar forma no país. Porém, o sigilo tem impossibilitado a concretização do direito à memória e à verdade no plano coletivo. Nesse sentido, o não-enfrentamento desses traumas, incentivados a um esquecimento das violações ocorridas, contribui na fomentação de uma cultura de desrespeito aos direitos humanos, tidos como algo natural, “possibilitando que os responsáveis por práticas policiais violentas cometidas na atualidade vislumbrem, diante da impunidade da violência do passado, uma falta de constrangimentos para o seu uso indiscriminado no futuro” (GALLO; GUGLIANO, 2014, p. 295).

Levando em conta que a dimensão qualitativa da democracia vai além da participação dos eleitores na urna, a série de reportagens nos apresenta alguns fundamentos incorporados em sua narrativa; como a lei, a participação e engajamento político-social, a prestação de contas com as liberdades sociais, respeito às liberdades políticas, as políticas de igualdade etc. O que nos leva para o ponto chave deste trabalho; as categorias de análise da narrativa para entendermos essas funções e percepções integradas.

4. Análise da representação jornalística em *Os porões da tortura*

A partir do trabalho de análise é possível compreendermos as minúcias desta pesquisa, ou seja, a construção narrativa e discursiva da série de reportagens *Os porões da tortura*, sem a pretensão de esgotar o tema, de modo a evidenciar as minúcias do enredo. Ou seja, o lugar de onde se fala, as formas criativas de narrar, os conflitos estabelecidos, a constituição das personagens e o repórter como chancelador de verdades. Tudo isso levando em consideração a feição pedagógica constituinte da série, por meio da memória e o fortalecimento de consciência político-social-democrática. Buscamos, assim, problematizar a narrativa e o discurso jornalísticos ofertados pela série, especialmente no que diz respeito aos perfis humanos e sociais que materializam as relações entre os que sofreram a tortura e as instâncias do poder.

4.1 - Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico

Para conseguirmos analisar a narrativa jornalística de *Os porões da tortura*, precisamos conectar as partes, identificar as séries temáticas e o encadeamento narrativo cronológico para compreendermos o tema como síntese. Mecanismos que intervêm na narrativa: a *narração* – “discurso que formaliza a evocação de um mundo” - e a *diegese* – projeção desse mundo considerado como real servido como referência - articula a criação da linguagem jornalística (correspondente ao real/verdadeiro) em linguagem narrativa (irrealidade ficcional admitida como real) (PIRES *apud* MOTTA, 2010). Observando a qualidade narrativa da notícia e da informação jornalística da série, observamos um conjunto de conexões entre si de forma a garantir sentido uns aos outros episódios.

Nesse sentido, encontramos mais de um acontecimento envolvido na “trama jornalística”. Para reconstituir de forma lógica a narrativa jornalística, a equipe de reportagem criadora de *Os porões da tortura* precisou observar a continuidade e ordem temática a partir da recorrência do mesmo tema, interligando assuntos inicialmente isolados. Essa formação se deve pelas circunstâncias, as personagens (fontes), cenários, arquivos e ganchos para a sucessão de estados de transformação.

No primeiro episódio de *Os porões da tortura* é possível identificar os encaixes que estruturam o encadeamento dos incidentes para a segunda parte da série, fragmentados em sequências cronológicas coerentes. Se o primeiro episódio se dá pela localização do sítio 31 de março de 1964, abordando os entraves para se chegar até o local e a utilização de moradores da região na ajuda para a identificação do cenário da tortura, esses espaços são confirmados por um sobrevivente da repressão, o militante Afonso Celso, que descreve o local enquanto as imagens são interpeladas pela sua *voz off* (**Figura 1**).

Afonso identifica o açude existente no local como ferramenta de tortura por afogamento. Seu depoimento serve como prova e dá sequência à legitimação do local como um dos centros clandestinos de tortura, a comprovação de que muitos dos espaços destinados ao “horror” ainda não foram revelados. Nesse sentido, Rodrigo Vianna, como narrador-repórter, utiliza-se da fonte para dar ordem e sequência ao caos, estabelecendo sucessão narrativa evidenciando outro sítio de tortura na época da Ditadura Civil-Militar do Brasil, situado no Município de Itapevi, São Paulo. Antes disso, Vianna recorre a arquivos para a recomposição da intriga: a entrevista de um ex-agente do Exército, Marival Chaves, revelando possíveis mortes ocorridas no mesmo local (sítio 31 de março de 1964) e na casa localizada em Itapevi. Para a articulação de diferentes acontecimentos, tornando-os

inteligíveis, Vianna ancora-se em pesquisadores da época para confirmar outros sítios de tortura espalhados pelo Brasil.

A localização dos sítios é seguida pelo gancho de descaso do Estado brasileiro com relação às investigações, sob ângulos diversos, problematizando o impacto da ditadura no cenário atual trazendo possibilidade de recomposição da memória por meio da narrativa e identificando os atores sociais envolvidos; conexão estabelecida para o episódio seguinte na identificação do proprietário do 31 de março de 1964.

4.2 - Movimento: identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios

Motta (2010) identifica o conflito como elemento estruturador de narrativas, particularmente da “trama jornalística”, que lida com “rupturas, descontinuidades e anormalidades” (MOTTA, 2010, p. 5). O conflito, núcleo com o qual se tramita tudo o que constitui a narrativa, abre espaço para ações, sequências que possuem a capacidade de prolongar e manter a narrativa viva, contínua. A narrativa jornalística, identificada por Motta como quase sempre envolvendo cunho dramático imediato e negativo: interrompe, desorganiza, transforma e traz ambiguidades. A situação dramática em *Os porões da tortura* se dá por um conflito manifesto do golpe civil-militar no Brasil; um fenômeno social de impacto. Nesse sentido, Rodrigo Vianna apresenta-se como *chancelador de verdade*, ao entrar em confronto com as instâncias do poder na época do regime, gerando tensão.

O conflito da trama então se expõe com cunho social e, ao mesmo tempo, tem junção política, econômica, psicológica, familiar, jurídica e policial. O conflito é o núcleo em torno do qual gravita toda a narrativa. O cenário da tortura, conflito-chave de *Os porões da tortura*, abre espaço para as discussões sobre novas ações, sequências e episódios no decorrer da representação do acontecimento, a fim de produzir memória coletiva. A série, por iniciar a “trama jornalística” pelo seu clímax, ou seja, o ponto culminante da narrativa traz instabilidade para compreensão de sua história. Essa formação faz com que seu narrador-repórter, Rodrigo Vianna, explique o acontecimento contextualizando-o.

Para a manifestação do conflito principal, a utilizações de sítios clandestinos de tortura na época da Ditadura, a imagem do repórter como defensor das causas sociais é sustentada pelo seu discurso inicial. O legado da violência policial de hoje “justificada” pela falta de conhecimento e reconhecimento político e social da história recente do país. A *polícia militar prende um motoboy. Ele é torturado e assassinado dentro de um quartel em*

São Paulo. Dias depois outro motoqueiro. Espancado até a morte em frente de casa. A sensação é de descontrole. Mas o que a violência policial de hoje tem haver com a história recente do Brasil? (Voz off do narrador-repórter no início da primeira reportagem).

Tal situação corresponde a algumas particularidades na série. Reforços de memória cultural do receptor que precisam ser traduzidos para a compreensão das relações estabelecidas. Na série, Vianna declara a despreocupação do governo em investigar a fundo os casos de presos políticos mortos durante o regime e a quantidade de corpos não encontrados. Se em alguns países, que também conviveram com ditaduras, zelam pela memória daqueles que morreram e sofreram com os regimes autoritários, no Brasil, *a história segue esquecida*, (palavras de Rodrigo Vianna na primeira reportagem). A formação do conflito gera em torno do descaso com a memória coletiva para entendimento do passado e na produção de assimilações do presente. Se na Argentina, por exemplo, os centros de tortura foram transformados em memoriais para a compreensão e para que violações como esta nunca mais aconteça, no Brasil esses lugares são desconhecidos, vendidos e/ou esquecidos. *A impunidade do passado serve de exemplo para o presente. Pois o torturador de hoje vai sempre alegar: ‘porque não processaram e condenaram aquele que torturou no passado e vão me processar e condenar?’* (Fala do conselheiro estadual de defesa pessoa humana Ivan Seixas, no primeiro episódio) (Figura 2 e 3).

4.3 – Construção de personagens jornalísticas

Para Motta (2010), o reconhecimento das personagens jornalísticas e de sua dinâmica funcional ocorre com a identificação dos episódios, pois as personagens são “atores que realizam coisas (funções) na progressão da história” (MOTTA, 2010, p. 7). Essa premissa, portanto, depende da apreensão da história integral. Sendo assim, a recomposição da intriga (como acontecimento jornalístico) a identificação dos conflitos e a funcionalidade dos episódios aqui analisados são importantes para a atribuição dos papéis das personagens. Mesmo na narrativa jornalística, as personagens de *Os porões da tortura* representam “figuras de papel” mesmo obtendo realidade histórica (MOTTA, 2010). Lembrando que se procura analisar como a série de reportagens constrói personagens, conflitos, combates, heróis, vilões, mocinhos, bandidos, punições e recompensas no decorrer da “trama jornalística”.

Interessa-nos, aqui, como se constrói certa imagem de determinado personagem no transcorrer da história. Como o seu narrador-repórter imprime no texto marcas com as quais pretende criar “atores”. Motta, ancorando-se em Mesquita (2002), pela teoria da recepção

estética, observa a dualidade presente na personagem jornalística “na medida em que os modelos de identificação do receptor projetam também imagens de heróis e vilões no ato de relação comunicativa” (MOTTA, 2010, p. 7). As personagens retratadas na série operam “uma circulação permanente entre o mundo da identificação e o da projeção e suscitam simpatias, paixões, dores e angústias” (MOTTA, 2010, p.7).

Entretanto, a personagem jornalística não é fruto de produção puramente ficcional e arbitrária ou exclusivamente dependente da criação de seu narrador. Cada figura apresentada em *Os porões da tortura* representa uma pessoa com existência real. Sabemos dessas figuras apenas o que a série (mídia) nos oferece a partir dos “seus critérios jornalísticos e de verossimilhança” (MOTTA, 2010, p 8).

Portanto, a partir da identificação das personagens, podemos perceber possíveis relações de poder, transicionamentos culturais e disputas de sentido. A constituição narrativa se dá pelas condições relacionais de comunicação. Isso quer dizer que a palavra do outro é indispensável para a compreensão e representação do real. Por meio das articulações feitas a partir do depoimento do outro, o diálogo empregado na “trama” estabelece “formas culturais, éticas e morais nas sociedades nas quais se dão a ver” (CARVALHO, 2013, p. 54).

Diante disso, os vínculos sociais de *Os porões da tortura* ultrapassam épocas e estão além das condições sociais que lhes serviram de base. Nesse sentido, a série pode ser tomada tanto como as desventuras cometidas nos sítios clandestinos de tortura instalados no Brasil, quanto à seriedade das instalações desses espaços, ou seja, tem-se a explanação de um legado autoritário e repressivo, os desafios para o enfrentamento do trauma e o reconhecimento e a investigação do período. A partir da intriga, articulada com a constituição das personagens, podem-se construir memórias coletivas que remetam ao passado para melhor indicar as condições do presente.

Desse modo, o militante dos direitos humanos Dárcio Sérgio apresenta-se como desbravador dos porões da tortura ao identificar o pequeno barraco no município de Itapevi, São Paulo, como um cárcere. Nas palavras do próprio Dárcio: *um porão da ditadura*. Ele identifica características físicas específicas para comprovar a utilização do lugar como local de tortura. Assim como o narrador-repórter utiliza-se da figura do ex-agente do exército, Marival Chaves, para identificar, a partir do seu relato em entrevistas de arquivo, possíveis mortes provocadas no sítio 31 de março e na casa em Itapevi. Uma comprovação de que estes espaços existiram e que devem incomodar as políticas humanísticas para reparo. - A

casa de tijolos isolada no meio do terreno é estranha. - Esse buraco parece um local para você poder verificar... Olha! O próprio piso que você pode subir e ver o preso aqui dentro. - Então, tem cara de ser o quê isto aí?- Isto aqui é um cárcere. Um porão da ditadura (conversa entre o repórter Rodrigo Vianna e Dárcio, 1º ep.) **(Figura 4)**.

4.4 – O lugar do repórter em *Os porões da tortura*

Para Coração (2013), quando o repórter sugere um passado, com balizas evidentes na trajetória narrativa, os caminhos de assimilação se relacionam na possibilidade de formatar uma realidade significativa, e por isso o identificamos como desnudador. As manifestações jornalísticas, entranhadas em sua prática, rege uma orientação ética numa sociedade “perdida”. Nessa perspectiva, cabe a Rodrigo Vianna compreender a tensão estabelecida e ponderar as diversas vozes presentes na telerreportagem. Na organização da narrativa observamos o repórter como ordenador dos conflitos estabelecendo domínio sobre os acontecimentos desnudados do decorrer da “trama”.

Essa reconfiguração feita pelo narrador-repórter, utilizando-se de diversas intrigas, faz com que ele se apresente em espaços “cênicos” diferentes – sítio 31 de março; casa em Itapevi, São Paulo; antigo galpão onde se instalava a transportadora de Fagundes e local de um dos graves confrontos armados do período, no Bairro da Mooca; prédio onde se instalava o DOPS e o centro de operações da Condor, no Centro de São Paulo e a casa de Petrópolis, RJ. Nesses locais, a manifestação jornalística se dá pela insistência do repórter, dando visibilidade a esses locais, portando-se presente, por meio de técnicas telejornalísticas diversas. Suas escolhas, de caráter “objetivo”, imprimem determinadas realidades às margens das torturas e de suas personagens (entrelaçadas) envolvidas (CORACÃO, 2013).

a) O repórter com/junto

Os porões da tortura apresenta-se assim, como “uma instância de diálogo” do jornalismo, que não se realiza plenamente segundo o imaginário de guardião e lugar de denúncia das mazelas sociais. Na série, a forma de construção do seu narrador-repórter é essencial para os efeitos de sentidos que o produto agrega. (ANTUNES *apud* CARVALHO; LEAL, 2013). “Quem vê, quem escuta, quem fala são conformados em um infinito jogo de espelhamentos que caracterizam a enunciação jornalística não homogeneizadora, na qual a complexidade é forma de emergência do real” (ANTUNES *apud* CARVALHO; LEAL, 2013, p. 15). Dessa forma, os elementos de “realidade”, presentes na série, contam para uma forma de revelar mundos que “desapareceram” durante anos. Por isso, o caráter de

“emergência de verdade” presente na “trama” é conduzido por Vianna (como narrador-repórter) como instrumento mobilizador de uma visão de mundo regida, muita das vezes, pelo “universo de anônimos” e deixado de lado nas narrativas jornalísticas visuais.

A presença física do repórter nos espaços constitutivos e as estratégias discursivas (de certo modo metalinguísticas) na série, expressa sentido “real”. A movimentação do repórter e as manifestações em locais específicos (sítio 31 de março, casa em Itapevi etc.) são enraizadas em conexões com o tempo. A discordância temporal entre passado – presente – futuro pode adquirir concordância a partir da costura da intriga diante de memórias individuais e coletivas e pela presença do repórter como “certificador de verdades”. A primeira reportagem conta com a presença do repórter para ratificar a concretude da “Casa de Itapevi”. Em outros momentos, durante a série, o narrador-repórter utiliza-se de antigos locais onde se mantinham cúmplices e articuladores da tortura na época da ditadura.

b) O repórter fora

“A objetividade televisiva pressupõe uma narração, ou uma locução, de modo racional” (CORACÃO, 2013, p. 17). Diante do apontamento de Coração, a atenção voltada para as imagens escolhidas para a narração *over* ou *off* do narrador-repórter auxilia a confecção da trama, quando percebemos o cuidado com a caracterização do espaço e com a autenticidade textual de quem narra a história. Dessa forma, o autor coloca o repórter com o olhar de fora aos trabalhos da equipe de reportagem, na procura de minúcias para a construção do texto jornalístico.

c) O repórter dentro

Diversas vezes o narrador-repórter se retira da zona de ausência de enunciador para manifestar-se não só como participante da narrativa, como alguém que assume olhar próprio diante da “trama”, reconhecendo o seu papel de construtor, mas há também o recurso da câmera escondida, estabelecendo momentos de investigação e colocando o interlocutor na posição de testemunha do relato das fontes/personagens.

d) Repórter-narrador da contemporaneidade

Se vinculações sociais da narrativa de *Os porões da tortura* começam pela relação com o tempo, ela ainda é fortemente empregada quanto ao modo das ligações entre esse tempo e a costura da intriga. Diante disso, a contemporaneidade precisa de significado espaço-temporal para assimilação. Além dos atores sociais, os arquivos utilizados na reportagem chancelam as compreensões sobre vínculos da tortura com a Operação Condor,

por exemplo. Ou parte da apropriação do depoimento do ex-agente do exército Marival Chaves em depoimento ao Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

A partir da recomposição da intriga, da identificação dos conflitos, do papel das personagens e do lugar do repórter na construção da narrativa jornalística televisiva de *Os porões da tortura*, podemos perceber a funcionalidade desses episódios como elucidadora de mundos subjetivos.

Considerações finais

Este estudo tomou como norte o entendimento das narrativas jornalísticas e a proposta de agrupar seus modos de produção no que diz respeito ao discurso noticioso, a construção da “trama jornalística” pela identificação de seus conflitos, a funcionalidade de seus episódios, a criação de personagens e o lugar do repórter como chancelador de verdades e organizador de um espaço-tempo. Preocupando-se mais do que a verdade dos fatos, percebe-se o anseio por justiça no decorrer da narrativa, pelo repórter. A pesquisa aqui realizada compreende a análise das representações de memória coletiva de tal produção narrativa. Nesse sentido, adotam-se, como base, as formas criativas de narrar de Rodrigo Vianna (como narrador-repórter), a formatação dos perfis humanos e sociais estabelecidos e as relações implicadas na tessitura da intriga: a legitimação da existência de sítios e locais clandestinos de tortura na época da Ditadura Civil-Militar.

A partir das estratégias de falas e atuações, percebemos métodos utilizados pela produção da série de reportagem *Os porões da tortura* para situar e determinar os espaços ocupados na produção narrativa e discursiva. Buscamos, neste trabalho, entender tal narrativa jornalística televisiva como articuladora de temporalidades: oferecendo indicações importantes sobre a maneira jornalística de atuar no (com) o relato do “tempo presente”. Como dispositivo de memória, a narrativa audiovisual aciona agrupamentos instáveis e passíveis de novos encaixes e sentidos. Essas ligações não são meros resultados de junções lineares sobre o mesmo episódio, por exemplo. Em *Os porões da tortura*, percebemos a narrativa não como arquivo/depósito, mas sim como pedaços interligados que dão lugar a outras lacunas/perguntas/inquietações preenchidas pela feição investigativa e pela ligação dos atores sociais.

A partir do exercício analítico empreendido em *Os porões da tortura*, a denúncia social configura-se como o apontamento das fragilidades de um país que ainda não compartilha de uma política de memória coletiva sobre o ainda recente regime ditatorial. Se

o jornalismo factual contribui com a leitura de realidade cotidiana, a grande reportagem/série, numa perspectiva mais holística, aprofunda essa leitura e promove espaços amplos de discussão e interpretações.

Diante dos fundamentos aqui abordados, esta pesquisa contribui para a compreensão das produções midiáticas, da relação com as políticas de memória social. Além disso, o estudo nos possibilitou analisar a narrativa a partir de elementos constituintes: os espaços ofertados, a utilização de atores sociais como interlocutores e legitimadores desses espaços e a participação conjunta do repórter na constituição narrativa jornalística televisiva. Tal dinâmica nos permite compreender a função jornalística como desnudadora de conflitos e produtora de conhecimento.

Percebemos que *Os porões da tortura* traduz o dilema de narrar o contemporâneo, o esforço de formar um relato de nação e a urgência de ocupação de seu narrador-repórter, como interlocutor de uma história brasileira ainda escondida: “os porões da ditadura”.

Referências

CARVALHO, Carlos Alberto de. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs). **Narrativas e Poéticas Midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 49-66.

CORAÇÃO, Cláudio Rodrigues. **O lugar do repórter e as manifestações jornalísticas: A compreensão da verdade e do passado em *Os porões da tortura***. Culturas Midiáticas – Revista do Programa Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. v. 1, n. 11, jul-dez/2013. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/17551/10067>. Acesso em: jun. 2014.

GUGLIANO, Alfredo Alejandro; GALLO, Carlos Artur. Legados autoritários, políticas de memória e qualidade da democracia no Brasil. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (orgs). **Entre a memória e o esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil**. Porto Alegre: Deriva, 2014, p. 285-302.

JOST, François. O que significa falar de “realidade” para a televisão?. In: GOMES, Itania Maria Mota (org). **Televisão e Realidade**. Salvador: Edufba, 2009, p. 31-30.

LENTZ, Rodrigo de Oliveira. A justiça de transição do *jeitinho brasileiro*: panorama após 50 anos do golpe civil-militar de 1964. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (orgs). **Entre a memória e o esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil**. Porto Alegre: Deriva, 2014, p. 261-284.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.
MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petropolis – RJ: Vozes, 2010, p. 143-167.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. **Jornalismo e representações sociais: algumas considerações**. e-compós – Revista Eletrônica da Associação Nacional dos Programas de Pós-

Graduação em Comunicação. ed. 1, dez. 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/18/19>. Acesso em: 24 out. 2014.

RUBERT, Silvania. “Para conciliar, é preciso esquecer?”: reflexões sobre as possibilidades de resgate da memória da repressão política no Brasil. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (orgs). **Entre a memória e o esquecimento**: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil. Porto Alegre: Deriva, 2014, p. 191-210.

Link das reportagens:

<https://www.youtube.com/watch?v=WkZk7ORe9Gw>

<https://www.youtube.com/watch?v=ck8CQPBoelo>

<https://www.youtube.com/watch?v=G4t20xJITZ4>

<https://www.youtube.com/watch?v=eecOi9jQ9cA>

Anexo

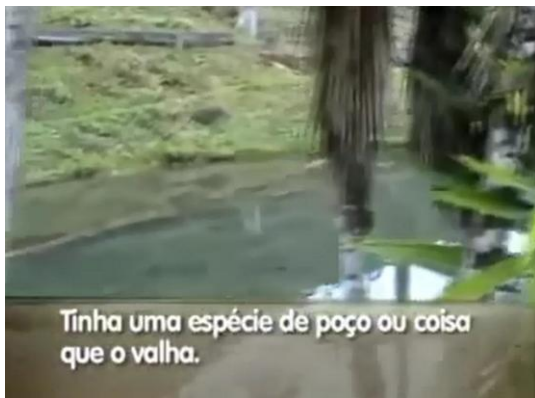


Figura 1: Açude do sítio utilizado também como forma de tortura, evidenciada por Afonso Celso



Figura 2: Centro clandestino de tortura no Município de Itapevi, São Paulo



Figura 3: Memorial do Centro Clandestino de Prisão, Tortura e Extermínio na Argentina



Figura 4: Dárcio Sérgio identifica o cárcere em Itapevi, São Paulo